

Um mapa-múndi político, tal como conhecemos, pode apresentar, entre algumas de suas divisões, os limites de países.

Um país é uma instituição formal com território, fronteiras, exército, governo, leis, entre outros elementos, como a **soberania nacional**, que tende a garantir o reconhecimento internacional perante outros países e instituições. Mesmo

no contexto do mundo globalizado, onde proliferam as instituições supranacionais – algumas delas dotadas de capacidade de interferência na soberania dos Estados Nacionais –, esse conceito deve ser respeitado e reconhecido.

Novos países podem surgir rapidamente, por meio da fragmentação de antigas unidades territoriais ou de novos agrupamentos entre estas. A **territorialização** mundial é um fenômeno dinâmico.

Os símbolos que identificam determinado país ou pátria, muitas vezes, são objeto de devoção por seus cidadãos, configurando um sentimento chamado de patriotismo.

Muitas vezes, os termos **país** e **nação** são utilizados como sinônimos no senso comum. O conceito de nação, no entanto, está relacionado a uma ligação de agrupamentos humanos, unidos por laços históricos, linguísticos e/ou socioeconômicos, entre outros, o que vem a configurar uma identidade.

A identidade nacional é, portanto, resultado da convivência prolongada de um povo. Tem-se uma cultura compartilhada, associada ao sentimento de pertencimento, mantendo-se os laços de união e preservando-se essa cultura e suas tradições. Por isso mesmo o conceito de nação se fundamenta na cultura, na língua, nos costumes, nas tradições e no projeto de futuro comum.

Uma vez consolidada, a nação pode seguir existindo, independentemente de estar ocupando ou não um território para si e de esse território ser ou não autônomo. Um mapa-múndi que apontasse a territorialização das diferentes nações seria muito mais complexo do que o mapa-múndi político. Países habitados maciçamente por uma única nação são raros no mundo. Muitos abrigam diversas nações em seus territórios. Também é comum que uma mesma nação esteja presente em países distintos.

soberania nacional: conceito que diz respeito à garantia da "preeminência do grupo político, o Estado, sobre os demais grupos sociais internos e externos. Neste plano, citam-se como exemplo as ONGs, Igreja e a própria família como grupos internos e a comunidade internacional como externo. Observando-se a partir destas definições, acredita-se que a manutenção da soberania do Estado atual está diretamente ligada ao poder estatal em impor sua supremacia perante grupos do crime organizado (interna) e, com o constante crescimento da globalização, a imposição de políticas internacionais efetivas, de forma que sobreponha o respeito do Estado [...] sobre a ética da comunidade internacional, seja de cunho social, político, econômico, cultural e militar (externa)."

Fonte: ALVES, Felipe Dalenogare. O conceito de soberania do estado moderno até a atualidade. *Ambio Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 83, dez. 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_linke=revista_artigos_leitura&artigo_id=8786>. Acesso em: 8 set. 2015

A territorialização relaciona-se à construção histórica das ações ou exercícios de poder praticados por grupos sociais sobre uma parcela delimitada do espaço geográfico. Tais grupos tendem, desse modo, a "territorializar" o espaço do qual se apropriam de alguma maneira. Exemplo: a dinâmica que levou à configuração atual dos Estados Nacionais é uma forma de territorialização mundial.

território: parcela delimitada do espaço geográfico definida, historicamente, com base na ação ou no exercício de poder de algum grupo social, podendo ou não ser reconhecida politicamente. Exemplos: unidades políticas, como o estado de São Paulo, territórios controlados por alguma facção criminosa ou sob determinada influência religiosa, etc. O grupo que, por sua vez, se apropria de um território ou nele estabelece determinada organização acaba criando uma relação de territorialidade.

A valorização da identidade nacional é chamada de nacionalismo. Pode-se dizer que é benéfica, visto que revela um senso comunitário que tem aspectos positivos. No entanto, como qualquer sentimento, se estimulado de maneira exagerada e descontrolada, pode produzir efeitos negativos e perigosos, levando, por exemplo, à hostilização de outras nações, países considerados rivais ou vistos como ameaça para a concretização de seu projeto de futuro.

Espaços de nacionalismos e tensões

Estudar as nações mundiais envolve aspectos complexos. Há diversas peculiaridades que dificultam tanto a adoção de parâmetros que possam ser generalizados quanto as comparações entre povos, ou mesmo entre outras designações cujo uso é cercado de controvérsias, como etnia ou raça. A ocupação dos territórios pelas sociedades humanas no decorrer da história sempre foi um processo extremamente dinâmico, relacionado a diversas tensões geopolíticas. Alguns dos casos mais reconhecidos serão tratados a seguir.

Irlanda do Norte

A ilha da Irlanda foi conquistada no século XII pelos ingleses. A Guerra Anglo-Irlandesa (1918-1921) assegurou a autonomia nacional apenas aos irlandeses que habitavam o centro-sul da ilha.

Na Irlanda do Norte, por outro lado, consolidou-se a existência de duas identidades nacionais distintas.



Fonte: PHILIP'S International School Atlas, 2. ed. Grã-Bretanha: The Royal Geographic Society, 2006. p. 57. Adaptação.

Católicos

Há séculos em luta contra os ingleses, seu projeto nacional ainda busca a reunificação da ilha irlandesa. Em oposição à estrutura monárquica do Reino Unido, eles são republicanos (o mesmo sistema da Irlanda que já é independente) e somam aproximadamente 45% da população da Irlanda do Norte.

Protestantes

Descendentes dos britânicos que migraram para a região no século XIX. Seu projeto nacional é manter o vínculo com o Reino Unido, sendo chamados de "unionistas". Somam aproximadamente 48% da população da Irlanda do Norte.

O século XX foi marcado por intensos conflitos na Irlanda do Norte. Os católicos criaram o Exército Republicano Irlandês, ou Irish Republican Army (IRA), que contava com ramificações também na República da Irlanda e, por décadas, enfrentou milícias protestantes e tropas britânicas. Consolidando um expressivo poder paralelo, o IRA utilizava táticas de guerrilha, promovendo sequestros, assassinatos seletivos e atentados terroristas tanto em setores protestantes norte-irlandeses quanto na Inglaterra.

Em 1998, foi firmado o Acordo da Sexta-Feira Santa (também conhecido como Acordo de Páscoa), o qual estabeleceu diversas medidas que, em geral, vêm sendo respeitadas e se mostraram muito bem-sucedidas para superar o impasse e a violência na região. Confira quais foram as principais medidas.

Concessões pelos católicos:

- entrega de armas e renúncia à luta armada pelo IRA;
- manutenção de sua integração junto ao Reino Unido.

Concessões pelos protestantes e pelo Reino Unido:

- criação de um sistema de cotas, por meio da proporcionalidade entre as duas facções, garantindo maior participação política aos católicos;
- maciços investimentos no desenvolvimento socioeconômico da comunidade católica;
- permissão de maior ingerência política, social e cultural da República da Irlanda com a comunidade católica da Irlanda do Norte.

O IRA deixou de atuar desde a consolidação do acordo, embora tenham ocorrido alguns incidentes promovidos por dissidências do movimento. Apesar de a Irlanda do Norte continuar agregada ao Reino Unido, novos acordos de paz em 2012 reduziram ainda mais as tensões entre ambos.

O fim das bombas não foi suficiente para diminuir o medo em Belfast, na Irlanda do Norte. Muros e cercas com arame farpado recortam, até hoje, parte da cidade de 280 mil habitantes. Separam as áreas onde vivem católicos e protestantes, ainda em maioria. Está estampado com cores fortes nas fachadas que a História dos anos de violência é presente e atormenta o imaginário coletivo como uma ameaça iminente. As imagens com palavras de ordem ou apenas a menção à memória dos pelo menos 3 500 mortos nos inúmeros conflitos na província britânica não deixam ninguém esquecer. [...]

OSWALD, Vivian. Belfast, uma cidade ainda partida na Irlanda do Norte. *O Globo*, 11 maio 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/belfast-uma-cidade-ainda-partida-na-irlanda-do-norte-83658333>>. Acesso em: 18 set. 2015

Conexões

Integralidade territorial do Reino Unido também é ameaçada pelo separatismo da Escócia

Nas ilhas britânicas, não são apenas os irlandeses que têm desavenças históricas em relação aos ingleses. A Escócia também foi conquistada na mesma época em que a ilha da Irlanda e, ainda hoje, permanece vinculada ao Reino Unido.

Ao longo do tempo, no entanto, o surgimento de movimentos separatistas escoceses tem sido recorrente. Em 2011, o Partido Nacional Escocês (SNP, conforme a sigla na língua inglesa), conduzido pelo líder nacionalista Alex Salmond, venceu as eleições regionais e, com a maioria no parlamento, conseguiu aprovar a realização de um plebiscito que deliberasse sobre a autonomia total da Escócia. A votação foi agendada para 2014. O "não" venceu, obtendo 55,3% dos votos dos escoceses, contra 44,7% dos que apoiaram o separatismo. A pequena diferença percentual sugere que, no futuro, a questão retorne à pauta política.

Pais Basco e Catalunha

A Espanha constitui um dos exemplos mais clássicos de país que abriga diversas nações distintas em seu território. Algumas destas, especialmente as dos catalães e bascos, apresentam consistentes movimentos separatistas que ameaçam a unidade espanhola.



Fonte: EUSKAL KULTUR ERAKUNDEA INSTITUT CULTUREL BASQUE. Basque Country. Disponível em: <http://www.eke.org/en/kultura/basque-country>. Acesso em: 13 ago. 2015. Adaptação.

País Basco

O País Basco não é um país independente, mas apresenta relativa autonomia na porção ocupada pelo território espanhol e conta com um parlamento próprio. A porção dos bascos que está na França também demanda maior autonomia. Contudo, historicamente, visa à independência desses dois países.

Ocupa uma área de aproximadamente 20 mil km², em sua maior parte na Espanha (a população é de 3 milhões na parte espanhola e 262 mil no lado francês).

Os bascos constituem um dos povos mais antigos, não apenas da Europa, mas do mundo. A origem de sua cultura milenar, ainda não plenamente esclarecida, remonta a períodos anteriores ao Império

Romano. Sua língua, denominada eusquera, não pertence aos mesmos troncos linguísticos de outras línguas europeias.

Na longa história do povo basco, um dos períodos mais difíceis ocorreu – como também para outros povos da Espanha, como os catalães – durante a ditadura fascista do general Francisco Franco. Com apoio da Itália e da Alemanha de Adolf Hitler, Franco saiu-se vitorioso na Guerra Civil Espanhola, governando de 1939 até sua morte, em 1975. Como era influenciado pelos ideais socialistas (principal oposição aos fascistas), o País Basco representou, ainda durante a guerra civil e, depois, ao longo do período ditatorial, um dos principais espaços de resistência contra Franco – sendo por isso duramente reprimido na época.

Euskadi Ta Askatasuna (ETA)

O Euskadi Ta Askatasuna – ETA (Pátria Basca e Liberdade, em basco) – surgiu do Partido Nacionalista Basco, fundado em 1894, e permaneceu clandestino durante o governo do ditador Franco (1939-1975). Em 1959, alguns membros que desejavam que o grupo aderisse à luta armada fundaram o ETA, que passou a promover atentados terroristas e assassinatos seletivos contra aivos do governo espanhol ou mesmo políticos bascos contrários à independência.



Em 2011, o ETA anunciou o fim de sua luta armada. Contudo, dado o histórico das ações desse grupo, que já decretou cessar-fogo diversas vezes (como em 1998, 2006 e 2010), por exemplo, não é possível afirmar se essa será, de fato, uma decisão definitiva.

A Guerra Civil Espanhola ocorreu entre 1936 e 1939 por meio de um golpe de Estado orquestrado por Francisco Franco contra o resultado das eleições de 1936, vencidas pelo recém-eleito governo de esquerda da Frente Popular. Foi um prenúncio da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pois as principais forças políticas da época se envolveram no conflito, incluindo a ajuda dos governos fascistas da Itália e da Alemanha ao general Franco, que, em 1936, havia assumido o controle dos exércitos espanhóis no Marrocos (levando-os à Espanha). Em retribuição ao apoio de Adolf Hitler, a Espanha manteve-se neutra durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1939, as tropas franquistas entraram em Madri, praticamente sem sofrer resistência. O regime fascista espanhol durou até meados da década de 1970, tendo o apoio de seu vizinho, Portugal, que também viveu sob uma ditadura fascista, com Oliveira Salazar.



Refinando o olhar

O espanhol Pablo Picasso é considerado um dos mais importantes pintores do mundo. Sua obra mais célebre, *Guernica*, foi inspirada na história vivida pela pequena cidade basca da qual tomou o nome, bombardeada pelos fascistas durante a Guerra Civil Espanhola como tentativa de tomada das províncias bascas.



PICASSO, Pablo. *Guernica*. 1937. 1 óleo sobre tela, 349,3 cm x 776,6 cm. Museu Nacional Centro de Arte Moderna e Contemporânea Reina Sofia. Madri. (Original Colorido).

Observe com atenção os elementos representados pelo pintor e registre, nas linhas a seguir, sua interpretação em relação a eles.



Fonte: INSTITUT CARTOGRÀFIC I GEOLÒGIC DE CATALUNYA. *Mapa comarcal i municipal de Catalunya* 1:500.000 - 2015. Disponível em: <http://www.icc.cat/web/contenut/misc/icc/download/201504_mapa_comarcal_500m.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2015. Adaptação.

Catalunha

O povo catalão consolidou sua identidade nacional ao longo da Idade Média. Sua formação tem influência na presença dos francos e visigodos, que, instalados na região após a queda do Império Romano, resistiram às invasões árabes. No século IX, Barcelona já despontava como a principal cidade regional.

A Catalunha é uma Comunidade Autónoma da Espanha, e o catalão é considerado uma língua co-oficial. Sua população é de cerca de 7,5 milhões de habitantes, ou seja, aproximadamente 16% da população da Espanha, sendo uma das regiões mais ricas do país.

Existe uma expressiva mobilização popular pela realização de um plebiscito para votar sobre a independência da Catalunha. No final de 2014, uma consulta à população na região apurou que mais de 80% das pessoas era a favor da criação de um Estado independente.

Uma das expressões nacionalistas catalãs mais conhecidas acontece nos jogos do Estádio Camp Nou do clube Barcelona. É comum que, exatamente aos 17 minutos e 14 segundos de cada um dos tempos do jogo, a torcida se manifeste pela Independência da Catalunha (uma referência ao levante catalão sufocado pela monarquia espanhola em 1714). Como você observou na foto do início da unidade, esse tipo de manifestação ganha maiores proporções quando o jogo é contra o time arquirrival: o Real Madrid.

Quebec e Tibete

A questão dos franco-canadenses do Quebec

O Canadá é dividido administrativamente em dez províncias e três territórios. Fundada em 1608, Quebec é uma dessas províncias. Com cerca de 7 900 000 habitantes, detém 23% da população canadense. A região onde se localiza, na porção oriental do país, foi colonizada originalmente por franceses, que, na Guerra dos Sete Anos (1756 a 1763), perderam o controle sobre a província para a Inglaterra.

A colonização inglesa no país concentrou-se nas demais regiões, formando a população anglo-canadense. No Quebec, entretanto, a manutenção da cultura franco-canadense, mesmo após o processo de independência do Canadá, passou a simbolizar a resistência nacionalista.

A grande valorização da cultura de seus ancestrais e da língua francesa revela que o projeto nacional desse grupo social caminha de forma paralela ao dos anglo-canadenses. O governo do Canadá busca acomodar os interesses das duas nações proclamando o estado como bilingue e concedendo relativa autonomia à província do Quebec.

O francês é a língua oficial do Quebec e primeira língua de cerca de 80% da população da província.

Tais medidas, no entanto, são consideradas insuficientes por uma parcela da população franco-canadense, que permanece resoluta em sua aspiração de independência. Eventualmente, a ascensão de políticos influentes ligados a partidos francófonos mais radicais resulta no aumento da tensão nacionalista. Três plebiscitos já foram realizados para decidir a questão. Os separatistas foram derrotados em todos, mas por pequena margem de votos. No último plebiscito, realizado em 1995, a diferença foi inferior a 1%.

Tibete

Em 1950, um ano após a Revolução Chinesa de 1949 liderada por Mao Tsé-Tung, o Tibete, na época um país soberano, foi invadido e anexado à China. O motivo da invasão teria sido a alegação de que o Tibete pertencia historicamente à China, embora a região também seja estratégica em razão de seu posicionamento geográfico (localiza-se próximo à Índia, por exemplo) e à presença de recursos naturais.

Mesmo afirmando que asseguraria o respeito às tradições religiosas do budismo lamaísta, o governo chinês acabou colonizando o Tibete com população chinesa e agindo com violência na região. No final da década de 1950, o líder político e espiritual dos tibetanos, Dalai Lama, fugiu pela Cordilheira do Himalaia, recebendo asilo político na Índia. Sem retornar à sua terra natal desde então, ele lidera a campanha internacional pela libertação do Tibete, a fim de conseguir uma autonomia mais efetiva para a região.

O governo chinês opõe-se contundentemente aos discursos de autonomia tibetana e colabora para que a questão separatista receba pouca atenção da mídia mundial. Contudo, ainda hoje, divulgam-se notícias sobre a ocorrência de suicídios por autoincineração de monges tibetanos como ato político, buscando chamar a atenção do mundo sobre o problema.



Atividades

Escolha um dos casos de separatismo nacionalista tratados nesta unidade e escreva um texto de opinião, de aproximadamente 10 linhas, posicionando-se favorável ou contrariamente à questão e argumentando com base nos conteúdos trabalhados. Oriente-se pelas seguintes perguntas:

- Qual o local e os grupos envolvidos?
- Quais argumentos se vinculam à aspiração dessa nação por autonomia?
- Como são os métodos que vêm sendo utilizados para conquistá-la?
- Haverá alguma reorganização territorial caso se estabeleça o separatismo?

Nacionalismos históricos no Oriente Médio

Curdos

Os curdos vivem como minorias e habitam seis países do Oriente Médio: Turquia (onde vive aproximadamente a metade dessa comunidade), Síria, Irã, Iraque, Armênia e Azerbaijão. Parte do território habitado por eles é rico em petróleo, especialmente na porção iraquiana (se essas terras fossem de um país independente, seria um dos maiores produtores mundiais), o que dificulta seu projeto de independência.

Sua cultura está intimamente ligada às práticas do pastoreio seminômade. Até os dias de hoje, não houve uma liderança curda capaz de concentrar e organizar a luta pela independência. Historicamente, enfrentaram violência e atos de perseguição política e cultural nos países onde habitaram, em especial no Iraque e na Turquia.

O Parti Karkerani Kurdistan (PKK), ou Partido dos Trabalhadores do Curdistão, surgiu no contexto da Guerra Fria, com o apoio da URSS, realizando ações militares contra o governo turco (membro da Otan e aliado dos EUA). Seu líder, Abdullah Ocalan, foi preso pelo governo turco em 1999 e condenado à prisão perpétua. Recentemente, afirma-se que Ocalan renunciou à luta armada. Os guerrilheiros do PKK, no entanto, continuam suas ações.



Dيارbaquir, na Turquia, em 2013. Nas manifestações e celebrações populares, os curdos da Turquia costumam celebrar a imagem de seu grande herói: Abdullah Ocalan



Fonte: LIBRARY OF CONGRESS. The Kurdish lands. Disponível em: <<http://www.loc.gov/resource/g7611e.ct000930c>>. Acesso em: 12 ago. 2015. Adaptação.

Um grande receio dos outros países que abrigam minorias curdas é que a luta do PKK atravesse as fronteiras e provoque uma rebelião mais ampla, ameaçando suas estabilidades políticas. A Turquia, cuja maior ambição geopolítica atualmente é ingressar na União Europeia, teme perder o controle sobre a terra habitada pelos curdos e adotar ações que prejudiquem sua imagem perante os Estados-membros da UE.

O país vem sendo governado, desde 2002, pelo Partido da Justiça e Desenvolvimento, de orientação intensamente influenciada pelos líderes religiosos islâmicos – situação que preocupa diversos grupos que temem, dessa forma, o afastamento do caráter laico da Turquia, o que também viria a comprometer seus planos de adesão à União Europeia.

A questão palestina

A região da Palestina histórica abrange uma estreita faixa de terras entre o Rio Jordão e o litoral do Mar Mediterrâneo, estendendo-se entre o Deserto de Negev, ao sul (que, por sua vez, se emenda às regiões áridas da Península do Sinai), até o local onde hoje se situa o Líbano, ao norte.

Na atualidade, há três territórios distintos nessa área:



- o Estado de Israel, autônomo e reconhecido internacionalmente. Embora nele habitem minorias de outras nações, especialmente de árabes palestinos, é considerado o Estado do povo judeu;
- a Cisjordânia, com maioria da população árabe palestina; essa porção é parte do que deveria constituir o Estado Árabe Palestino de acordo com o Plano de Partilha da ONU (leia adiante), mas se encontra ocupada por Israel;
- a Faixa de Gaza, com cerca de 1,8 milhão de árabes palestinos, que atualmente está sob controle palestino, embora com restrição à entrada e saída de bens por Israel no começo da década de 1990, intensificada ainda mais em 2007.

Na região da Palestina histórica, aproximadamente 90% da população de origem árabe palestina é muçulmana.

A população do Estado de Israel é de cerca de 8 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 75% são judeus.

O Plano de Partilha da ONU

Em 1946, a população estimada da Palestina era composta de 1 846 000 pessoas, entre as quais 1 203 000 árabes e 608 000 judeus. Cerca de 35 000 compunham outros grupos. Em 1947, com os votos soviético e estadunidense, a recém-criada ONU aprovou um plano de partilha da região da Palestina em dois Estados: um Estado com o nome de Palestina (que corresponderia a cerca de 43% da área total da Palestina e envolveria a Cisjordânia, a Faixa de Gaza e outras porções), destinado aos árabes, e outro com o nome de Israel, destinado aos judeus (aproximadamente 57% da área total). Nesse plano, Jerusalém seria considerada uma cidade internacional, administrada pela ONU.

Apesar de aprovada, a proposta do mapa da partilha nunca foi concretizada. Em 14 de maio de 1948, quando o Reino Unido, que tinha o controle da região desde o final da Primeira Guerra Mundial, se retirou – o que era previsto no acordo –, a Agência Judaica proclamou o Estado de Israel, abrangendo territorialmente toda a Palestina. A insatisfação árabe que se seguiu levou ao início da Primeira Guerra Árabe-Israelense, conhecida como Guerra de Independência de Israel (1948-1949). Em julho de 1949, foi assinado um armistício entre Israel, Egito, Líbano, Síria e Jordânia. A linha do armistício de 1949 separou o estado judaico de outras áreas da Palestina. A Faixa de Gaza passou, na época, a ser administrada pelo Egito, e a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, pe a Jordânia.

Do ponto de vista geopolítico, nessa região, destaca-se a Guerra Árabe-Israelense de 1967, conhecida como Guerra dos Seis Dias. Com uma das mais expressivas vitórias militares da história das guerras, Israel quadruplicou a área de seu país, ocupando quatro novos territórios.

Colinas de Golan

Status atual: a ONU mantém uma força de paz em uma parte das Colinas de Golan (Força Observadora de Desengajamento – Unfif, conforme se pode observar no mapa da página 38), monitorando o acordo de desocupação firmado entre israelenses e sírios em 1974.

Península do Sinai

Status atual: pertencente ao Egito. Em 1979, Israel assinou um tratado para a devolução da Península do Sinai ao Egito em troca da promessa de cessar-fogo permanente entre os dois países.



Fonte: ATLAS dos conflitos mundiais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007, p. 64. Adaptação.

Cisjordânia

Status atual: sob controle de Israel, que adota uma política de construção de assentamentos para judeus na região. Nesse local, encontra-se o Muro da Cisjordânia (será estudado a seguir). Jerusalém, mesmo em sua porção oriental, de maioria árabe, também está sob controle israelense, sendo considerada pelo governo de Israel sua capital indivisível.

Faixa de Gaza

Status atual: em 2005, Israel desocupou a Faixa de Gaza, entregando-a aos palestinos, mas mantendo o controle de entrada e saída de pessoas e produtos.

Nas décadas de 1960 e 1970, a resistência palestina foi conduzida principalmente por um grupo armado: a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), encabeçada por Yasser Arafat, líder do **Fatah**. Após renunciar à violência e adotar a via diplomática, Arafat tornou-se, na década de 1990, o primeiro presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), entidade que representa os palestinos na ONU (desde 2012 sob o *status* de Estado observador não membro, embora não seja internacionalmente reconhecido como Estado).

Fatah: organização político-militar palestina fundada em 1959.

Desde a morte de Arafat, em 2004, a entidade passou a ser presidida por Mahmoud Abbas, que se dedica às negociações com Israel pela devolução dos territórios ocupados.

O contexto conturbado da relação entre palestinos e israelenses bem como a falta de resultados práticos na diplomacia da ANP vinculam-se aos aspectos a seguir:

- o surgimento de períodos de revoltas populares palestinas, chamadas de “intifadas” – a primeira delas em 1987 e a segunda em 2000;
- a ascensão de grupos religiosos de orientação fundamentalista, como o **Hamas**, que hoje representa a mais articulada organização de resistência armada palestina, promovendo frequentes atentados terroristas contra alvos israelenses.

[...] O Hamas é o maior dos vários grupos islâmicos militantes palestinos. Seu nome é a sigla em árabe para Movimento de Resistência Islâmica. A agremiação surgiu após o início da primeira Intifada (revolta palestina) contra a ocupação israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, em 1987. [...]

Diferente do grupo palestino rival Fatah, que controla a Cisjordânia e concorda com uma solução para o conflito que envolva a criação de dois Estados – Israel e Palestina –, o Hamas defende a criação de um único Estado palestino que ocuparia a área onde hoje estão Israel, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. [...]

HAMAS, da primeira Intifada ao atual conflito com Israel. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140729_o_que_hamas_khtr>. Acesso em: 10 nov. 2015.

Atualmente, o Hamas controla a Faixa de Gaza, ao passo que a ANP tem maior representatividade na Cisjordânia.

O muro e a questão da água na Cisjordânia

As controvérsias na Palestina envolvem diversos outros aspectos. A construção do Muro da Cisjordânia é comumente justificada pelo governo israelense como uma necessidade para fins de segurança. Iniciada em 2002, pouco tempo depois da última intifada, sob a alegação de proteção da população israelense da Cisjordânia, em meados de 2014, cerca de 200 quilômetros do muro já haviam sido construídos (pouco mais de 60% do que foi inicialmente planejado por Israel). A Palestina tem, ainda, importantes aquíferos, cujo controle e utilização também são motivo de disputas, principalmente na Cisjordânia, embora conflitos por recursos hídricos ocorram em outras áreas na região.



Com base nas informações estudadas ao longo da unidade, complete o quadro a seguir.

Nação	Projeto nacional	Quem impede a autonomia	Situação atual
Católicos da Irlanda do Norte			
Bascos			
Franco-canadenses			
Tibetanos			
Curdos			
Árabes palestinos			

1. Em que sentido o conceito de nação difere do de país? Utilize exemplos em sua argumentação.
2. Por que os católicos e os protestantes da Irlanda do Norte são rivais se ambos os grupos, na atualidade, podem ser considerados "irlandeses"?
3. O que foram as intifadas palestinas? Em que contexto elas ocorreram?
4. Escolha um tipo de separatismo de caráter nacionalista ocorrido no território de uma das regiões estudadas ao longo desta unidade e explique os mecanismos que dificultam o estabelecimento da paz na região. Reflita sobre possíveis elementos associados ao fato de a comunidade internacional não tomar uma posição mais efetiva sobre o caso.

5. (UFAM)

A figura a seguir retrata a capital da Irlanda do Norte, Belfast, que é cortada por um grande muro.



Fonte: <https://cattacalivre.com.br/>

Essa muralha chamada de "linha de paz", que em alguns trechos chega a ter 15 metros de altura, foi construída com o objetivo de:

- a) impedir a entrada de estrangeiros legais na Irlanda do Norte.
- b) marcar a divisão que ocorreu no mundo depois da Segunda Guerra Mundial.
- c) impedir a prática de atentados terroristas do grupo separatista ETA, que reivindicam a criação de um país independente na região do Eire.
- d) conter o movimento pela independência do território, comandado pela Força de Voluntários Policiais.
- e) dividir setores unionistas protestantes (pró-Inglaterra) e católicos irlandeses (pró-independência).

6. (UFGD – MS)

Observe o texto e o mapa abaixo:

Conflito entre israelenses e palestinos

O mundo tem acompanhado, recentemente, a retomada e a intensificação do conflito entre israelenses e palestinos, na Faixa de Gaza, que deixou mais de 2100 palestinos e 70 israelenses mortos, no mais longo e violento confronto entre israelenses e palestinos em uma década. A nova espiral de violência foi desencadeada após o sequestro e homicídio, em junho, de três jovens judeus na Cisjordânia (um ataque que Israel atribuiu ao Hamas, grupo islâmico que controla a Faixa de Gaza) seguido da morte de um jovem palestino queimado em Jerusalém por extremistas judeus. A partir daí, tiveram início os lançamentos de foguetes do Hamas e os bombardeios desproporcionais de Israel.



Disponível em: <http://agenciabrasil.abc.com.br/miinternacional/noticia/2014-07/entenda-oconflito-entre-israelenses-e-palestinos>. Adaptado. Acesso em: 12 Out. 2014.

- I. O conflito é recente, tendo origem no final do século XX, e resulta da ocupação dos territórios Palestinos de Gaza e Cisjordânia, por parte de Israel, a partir da Guerra dos Seis Dias.
- II. O conflito é originário de dois projetos políticos nacionais que vão disputar o mesmo território, que vão querer criar um tipo de comunidade política em que o outro projeto não está incluído.
- III. Gaza e Cisjordânia se mantiveram sob ocupação estrangeira árabe até 1967, quando a Guerra dos Seis Dias, entre Israel e as nações vizinhas, resultou na ocupação israelense da Faixa de Gaza e da Cisjordânia.

Está correto apenas o que se afirma em:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) I, II e III.
- e) III.